



O Gaiato

DIÁRIO DO APOCALIPSE

Quinzenário * 13 de Outubro de 1984 * Ano XXI — N.º 1059 — Preço 7\$50



**PORTE
PAGO**

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

■ «A raposa tem a sua toca; o pássaro, o seu ninho; a lebre, a sua cama; o homem, esse constrói uma casa.»

Todas as recordações como a saudade se centram na casa onde nascemos, brincámos ou nasceram os filhos.

Aspiração primeira e suprema — ter uma casa.

Recordo o casal X: a tristeza nos olhos quando souberam que o «bocadinho» de terreno custava mil contos. Não posso esquecer os seus olhares tristes! Também um jovem prestes a caçar — tão angustiado com o problema da habitação! Milhares que vivem em pequenos quartos! Tantos em casas de tábuas! «Venha ver o nosso quartinho. Olhe como a água escorre pelas paredes!» — disse-me, há dias, um gaiato casado.

Aparecem campos para mergulhar debaixo das albufeiras e para jogos, touradas, campos de aviação e fábricas. Só os senhores do mando não têm a ideia de estender em cada cidade, vila ou aldeia, uma avenida, porem talhões dos lados e dizerem ao que não tem terreno: «Constrói aqui a tua casa». Mais simples do que construir uma auto-estrada! Se estas são úteis ao progresso dos povos, aquelas são necessárias à felicidade e valorização do Homem. E não somente lugar, mas plantas, dispensa de papéis emperrantes e mesmo ajuda...

Quanto melhor do que brincar às armas em montes solitários...!

■ O Património dos Pobres, na ajuda à Autoconstrução, é uma gota pequenina... Mas, real e viva! Sempre acesa pelo raiozinho das telhas que vais mandando.

Há tempos passou um dono duma fábrica de materiais de construção. Que ia mandar materiais que lhe sobram — disse. Fiquei radiante e sonhei logo com o lugar para os guardar e processo de os distribuir. Sonhar é fácil! Eles são tão pesados que lhe custam sair do coração...

Quando todos acordarmos

para a triste realidade dos «sem casa» e nos decidirmos a dar ajuda com as nossas sobras, o supérfluo, o nosso esforço ou parte do nosso pão, será o dia da luz a emanar do Evangelho — vivido no quotidiano.

«Que pode existir de mais perfeito no mundo do que ajudar cada verdadeira família a ter uma casa verdadeira, onde as crianças possam cantar alegremente e as flores brotar?»

O que nos prende? Tão presos às banalidades deste mundo como se aqui fosse o nosso lugar!

■ O Património dos Pobres, quando criado pela Fábrica da Igreja de qualquer Paróquia, destina-se, primariamente, à construção e administração de moradias para Pobres. Presentemente, na Obra da Rua, destina-se a dar ajuda aos



Milhares de pessoas vivem em pequenos quartos! Tanços em casas de tábuas! Aparecem campos... para tudo. Só os senhores do mando não têm a ideia de estender, em cada cidade, vila ou aldeia, uma avenida, porem talhões dos lados e dizerem ao que não tem terreno: «Constrói aqui a tua casa». Mais simples do que construir uma auto-estrada...!

Autoconstrutores que, com grandes sacrifícios, erguem a sua habitação.

«Cada tempo traz as suas necessidades e pede os seus remédios.» É certa esta doutrina de Pai Américo!

Não temos dúvida ao encaminharmos os fundos do Património dos Pobres para

ajuda aos Autoconstrutores.

«Houve tempo em que a terra era de todos e os seus frutos também.» Ainda é um pouco assim nas verdes campinas de África, onde cada um escolhe o seu lugar e em três dias constrói a sua cubata. Entre nós, se um afasta os pés ficam os do lado sem espaço!

É esta a hora dos cristãos se aconchegarem... «Cabe sempre mais um.»

Ajudemo-nos mutuamente, e, todos, aos que mais precisamos. Vamos, este ano, com 139 telhados. Dá a tua mão para no Natal ultrapassarmos os 200.

Padre Telmo

«A MISERICÓRDIA TRIUNFA SOBRE O JUÍZO»

«É que os Meus pensamentos são diversos dos vossos e os vossos caminhos diferentes dos Meus — oráculo do Senhor! Tanto quanto os Céus estão acima da Terra, assim os Meus caminhos estão acima dos vossos e acima dos vossos estão os Meus pensamentos.» (Is. 55/8-9)

O próprio Espírito Dívino esclarece este triunfo pela palavra do Seu Profeta e responde assim ao homem perplexo perante o mistério da perfeita conciliação em Deus da Justiça e da Misericórdia.

O homem só por si não entende; apenas com as suas potências naturais não chega à meta que intui e por que anseia no mais íntimo de si. É que não há homogeneidade entre os seus pensamentos e os de Deus; nem continuidade dos caminhos abertos no Tempo para os da Eternidade. Só mediante a Graça o homem pode ir pensando com Deus — pensando como Deus — e se pode orien-

tar para os Seus caminhos. É necessária essa sobrelevação, esse transporte do plano puramente natural para as alturas que são já espaço próprio de Deus. E o dinamismo deste movimento pertence a Deus.

Feliz o homem que, partindo da sua intuição e do seu anseio mais profundos, se deixa elevar por Deus ao Seu encontro! Este é o homem livre, o que «fala e procede como quem deve ser julgado segundo a Lei da Liberdade» (Tiago, 2/12). Esta Lei perfeita da Liberdade (Tiago 1/25) é a Lei de Cristo, aquela que se diz em um só verbo: «Ama...», a que Santo Agostinho acrescenta a feliz conclusão: «... e faz o que quiseres».

É aceitando a Justiça do Reino que Cristo veio inaugurar; adorando o mistério da Misericórdia de um Deus que nos ama (Porquê?...! Como?...!); abraçando os Seus critérios, que pairam sobre os nossos como os Céus acima da Terra

— que nós poderemos ler sem escândalo a Parábola deste Domingo 25.º do Tempo Comum (Mt. 20/1-16) que nos fala dos trabalhadores da vinha: dos da sexta, da nona, da undécima hora, a quem foi pago salário igual aos que haviam «suportado o peso do dia todo e o seu calor». Fundados nos nossos critérios, facilmente resvalamos para a murmuração dos operários da primeira hora e nos tornamos com eles alvo da palavra de reprovação: «Ou será rancoroso o teu olhar por Eu ser bom?!»

Na verdade todo o encaminhamento do homem para o Reino resulta da vocação de Deus: «Ide vós também para a vinha». Ninguém vai sem ser chamado. E nenhum fica por chamar. Assim dispõe a Misericórdia de Deus que quer a Salvação de todos os homens e os prepara e os dota para ela na hora que reservou para cada um.

O merecimento do homem

está em acolher o dom de Deus e fazê-lo render quanto em si cabe. E a não-imputação da sua ociosidade cessa no momento em que é chamado: «Vai tu também para a vinha».

O salário é o cumprimento da Promessa que Deus não devia ao homem, mas que fez por mistério do Amor que é; e quer saldar a todos os homens — o mesmo, o essencial, o único salário que vale a ambição do homem: «Estarás comigo no Reino».

Não se trata, pois, de um imperativo de Justiça, mas de um fruto de Misericórdia.

Quem se atreve a discutir direitos diante da Misericórdia?!... Só os insensatos! Os que não entendem nem usam misericórdia. Os que se vêem demasiado a si-mesmos para darem conta da teia de equívocos de que são presa e desperdiçam as suas energias, todas elas necessárias ao sobre-

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

CONVÍVIO — Na perspectiva de se tornar uma Associação, já com vista ao Centenário do nascimento de Pai Americo, realizou-se aqui, em nossa Casa, um convívio de antigos Gaiatos. Vieram muitos, não todos como era de desejar. Alguns chegaram no sábado de manhã, outros só no domingo; mas o que importou foi que viessem. A maior parte deles eram nossos conhecidos, exceptuando um ou outro que só vemos de tempos a tempos e, como é lógico, os que pertenceram a outras Casas do Gaiato, do Porto, Setúbal ou Lisboa.

Primeiro foi a celebração da Eucaristia. Depois, reuniram na nossa biblioteca e mais não sabemos porque lá não estivemos. Ao almoço estavam quase todos e comeram na mesma mesa, em família, cada um com a sua própria família, responsáveis e com um importante papel na nossa sociedade — que é o de serem pais. Eles também já foram filhos e ainda o são, tal como o mais pequenino que hoje cá temos o é — retorno às raízes.

De tarde choveu. O Outono a marcar presença! Mas a alegria não esmoreceu, nem mesmo no futebol. «Chova ou não chova, vamos para a frente!» E lá foram; nem sequer pararam quando toparam que eram poucos os que tinham coragem! Mas, puxa que puxa, conseguiram que mais alguns formassem sócia. Mesmo assim quem reinou foi o nosso bar...

Alguns foram embora muito cedo para chegarem cedo a suas casas, deixando (provisoriamente) esta que foi e continuará a ser a deles.

ENCONTRO EM FATIMA — No penúltimo fim-de-semana de Setembro houve um encontro, em Fátima, dos jovens pertencentes aos Convívios Fraternos. Cá em Casa pertencemos seis ao movimento, mas só fomos nós os três — Chiquito-Zé, Guido e Adelino — pois os outros não estavam disponíveis. Participámos em tudo: na oração, na convivência, nas refeições, etc... Dois dias bem passados! Começámos no sábado, à tarde, com a celebração penitencial, concentração junto à Capelinha e celebração da Palavra no Centro Pastoral Paulo VI. Depois, refeição partilhada, estilo piquenique, após a qual tomámos um café para nos prevenirmos contra o sono. Tivemos a oportunidade de encontrar, durante a vigília, outros gaiatos, da Casa do Gaiato de Setúbal, já nossos conhecidos. Rezámos o Terço junto à Capelinha e, durante a noite, cada Diocese marcou presença na Basílica. Alguns não resistiram. Foram dormir. A noite esteve fria e, por volta das quatro horas começou a chover. E nós que esperávamos um dia de sol como nenhum outro!

No domingo retomámos as actividades às 10 horas: Terço, Eucaristia dominical e Procissão do Adeus; lenços diferentes consoante as Dioceses, resultando, assim, um adeus muito colorido e que, decerto, não esqueceremos.

Por fim o almoço, sempre no mesmo estilo das outras refeições, só que foram os «restos» do que ainda estava por comer.

A despedida durou cerca de duas horas, com troca de coisas e cumprimentos.

Gostámos. Não fomos para gostar, mas para participar. Gostámos e estamos certos que os outros também.

Chiquito-Zé, Guido e Adelino

Paço de Sousa

VINDIMAS — Procedemos agora à vindima, que principiou em 24 de Setembro, pela uva americana.

Houve o cuidado de preparar os lagares, as cubas, todo o material da adega.

Já temos um lagar cheio, mas vamos encher muitos mais, pois contamos colher mais vinho do que no ano passado.

Trabalhamos com boa vontade e desejamos terminar a faina com muita alegria.

OBRAS — A nova padaria está quase pronta! É uma sala de visitas!

No entanto, a reparação do campo de futebol parou, há dias, não por nossa causa mas do mestre d'obras. Já o calcetamento entre o hospital e a casa três está quase a acabar. Um trabalho mais rápido!

TORNEIO — Após o Torneio das Vindimas organizado pelos B. V. de Paço de Sousa — com a vitória dos nossos atletas — resolvemos fazer outro só para a nossa malta, com as seguintes provas: ténis de mesa, damas e atletismo. Será de 4 a 7 de Outubro — dia da entrega dos prémios.

Todos, novos e mais velhos, estão interessados que seja bem disputado, ainda com a presença do Alvaro, professor em Angola, que está prestes a regressar ao continente africano. O acontecimento será um gesto de amizade para ele, já que foi nosso monitor de ginástica.

OUTONO — Terminou o Verão e as férias para a maioria das pessoas. Decansámos todos na linda praia de Azurara (Vila do Conde).

Agora, começa o Outono, linda

estação de que muita gente gosta pelas cores da paisagem, no campo. Mas, aqui, em nossa Aldeia, há mais trabalho para os pequeninos, «da lenha», que limpam as nossas avenidas e ruas, de dois em dois dias.

Entretanto, começam as aulas. Para alguns é a primeira vez que se sentam no banco de uma Escola... Para outros, não.

Esperamos que o novo ano escolar decorra ainda melhor do que o anterior. Será mais uma época de sacrifício, de preocupações de todo o género.

Desejamos, por fim, que os nossos Leitores sintam um bom recomeço de trabalho e nos fins-de-semana — os que possam — apreciem as belezas do Outono nos campos do nosso belo País.

Manuel Augusto («Chinês»)

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● As restantes moradias dos nossos Pobres já têm luz. O responsável dos Serviços cumpriu — «faremos a ligação antes do Inverno...» — e antecipou para o começo do Outono!

O melhoramento encheu os Pobres d'alegria pois alguns sofrem os naturais achaques da terceira idade e, deste modo, as épocas de frio serão mais cómodas.

Todavia, um ou outro — habituado à velinha, à gardeia, ao candeeiro — no princípio resistiu à mudança que não foi imposta, mas esclarecida em todos os pormenores. Acção difícil, que exige paciência, tempo e uma linguagem «chá» — para ser eficaz.

Quem lida com os Pobres do meio rural não pode estranhar resistências. Aliás, num contexto mais lato, alguns benefícios não são logo acolhidos com interesse, afeitos como estão os povos — ao longo de gerações — a ser marginalizados de benfeitorias comuns à maioria. Não lamentamos as resistências, mas quem abandonou a promoção social e comunitária dos rurais, uma boa parte da Nação, onde residem grandes riquezas espirituais.

Agora, que já se dá fé do fracasso, seria bom harmonizar o desenvolvimento dos mundos de betão com as prioridades — as clamorosas necessidades — de certos meios rurais. Ordenamento difícil, mas já há experiências e vivências que apontam caminhos válidos para desfazer assimetrias.

● A Cancerosa gerou uma explosão d'amor entre os nossos Leitores! Vamos dar-lhe a mão até ao fim, discretamente, qual presença de Jesus crucificado.

O recoveiro dos Pobres — amargurado, sintonizado com a dor dos Outros — diz que ela «está a caminhar prò fim...» e terá a sua coroa de glória no Céu.

Para quem pisa a terra que nos suja, os Mistérios — porque Mistérios — custam a entender. Eis o seu valor perene! Daí, e pelo respeito que nos merece quem não compreenda assim, estes Pobres são traves-mestras que seguram o Mundo — abraçados à cruz.

PARTILHA — Avenida Barjona de Freitas, Lisboa, cinco contos. Vale postal de Albufeira (Algarve) «para o irmão mais necessitado, auxiliado pela Conferência. Antes do Natal — acrescenta esta Amiga dos Pobres — se Deus quiser e me der vida (já tenho 80 anos e a todo o momento posso ser chamada a prestar contas) espero enviar um pouco mais. Que o Senhor Jesus cubra todos com o Seu amparo e protecção...» Não temos dúvida! Ele é sumamente Misericordioso — e Justo. Por isso, já creditou a sua oferta no Livro da Vida.

Um cheque da Rua dos Verdes, Moreira da Maia. Outro vale de correio, agora da Rua Tomás Ribeiro, Lisboa, e carta a indicar ser «uma pequenina migalha para tantas carências. Mais adiante irá mais um pouco...» Votos de generosidade que não devemos esconder! Remanescente de contas com O GAIATO, do assinante 14473, de Odivelas, para «a Conferência utilizar como entender». Um critério verdadeiramente cristão! Alvide, idem, e um desabafo: «Talvez a consciência me deva pesar mais, por não ter enviado nada... para os nossos Irmãos pobres». Avenida Fernão de Magalhães, Porto, 1.000\$00 e um «Obrigado» que exala delicadeza cristã. Assinante 22150, de Lisboa, 5.500\$00. «Uma Avó», de Santarém, acentua um trecho da Sagrada Escritura — «Ajudai-vos uns aos outros a carregar os vossos fardos e deste modo cumprireis a Lei de Cristo (Gal. 6,2) — juntando «mil escudos, pequenina migalha para as grandes necessidades dos Pobres». Assinante 25276, de Barcelos, outros mil com muita amizade. Idem, do assinante 11962, do Fundão — que não vem mês ao mundo que não compareça, junto de nós, em prol dos que sofrem — e pede que «desculpemos a insistência em «divisões», mas são «devções» minhas cuja maçada espero me desculpareis. Embora tenha muito gostado nas vossas notícias — acrescenta — peço que não gastem o precioso tempo a acusar as minhas notícias». Muito bem! Assinante 3119, de Paço de Arcos, uma oferta dividida por vários sectores, cabendo aos Pobres 3.000\$00. Da carta — rica de amizade — respigamos este passo: «Sou viúva. Tenho uma pensão que não é grande nem mesmo média. Sou Professora. No entanto, é o «cento por um» do Evangelho...» Especialmente para a Cancerosa: 2.000\$00 de Monte Real, «mil de minha Mãe que está com 98 anos e tem momentos lúcidos e outros mil meus em Acção de Graças pois também fui operada, há cinco anos, e o médico deu-me agora como curada»; Rua Fábrica da Pólvora, Lisboa, 5.000\$00 e «Deus tenha pena dela, eu sei o que custa esse sofrimento, pois meu irmão faleceu, há dois meses, com a mesma doença»; por fim, valioso cheque de Alenquer em «resposta ao SOS feito n'O GAIATO de 15 de Setembro». Colocamos nas Mãos de Deus todas as intenções.

Convém assinalar, na correspondência, as ofertas dirigidas à Conferência de Paço de Sousa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



A actual equipa da Casa do Gaiato de Setúbal (gravura de cima) estreou novas «chuteiras» e venceu a partida de futebol no Encontro-84 dos «setubalenses» mais velhos (gravura de baixo), que, no final do desafio — segundo afirma o «Pisco» — «já não podiam com as... sapatilhas»!



Novos Assinantes de «O GAIATO»

Foi à beira-mar. Pouco vento. Temperatura amena. O negrume dos céus dá mais brilho às estrelas. Só o bater das vagas, na costa, quebra o silêncio da noite!

O Padre Moura vem até nós e aproveita uns momentos de repouso, não sem quebrarmos o relaxe com a vida do grande barco em terra — especialmente O GAIATO.

— **Chegam todos os dias novos assinantes para o jornal...** — exclama d'alma embevecida.

No dia seguinte, à hora da Missa, ele foi motivar mais cristãos para o «Famoso», em paróquias vizinhas.

— **Ora vejam lá...**, em vez de fazer penitência, estou aqui refestelado!

Pois em Canelas (Entre-os-

Rios) os nossos Padres recolheram 104 novos assinantes e na de Sebolido, 49!

Estas acções têm muito significado, pois nem sempre os vizinhos, porque vizinhos, conhecem melhor o ser, o estar da Obra da Rua — do que milhares de outros pelo Mundo fora! Aliás, o Padre Telmo já disse: — **Há pessoas, daqui, que mal conhecem a nossa Obra...**

Noutra altura, O GAIATO foi lembrado na paróquia de Leça da Palmeira e acorreram à chamada 213 cristãos. Uma grande sementeira!

Vamos resumir, que a proclamação setembrista é tão numerosa, e rica d'intenções, que nos levaria longe!

Passam, agora, à nossa frente, dez novos leitores de Reguengos de Monsaraz — o Alentejo! — e um grupo de Cabanas (Palmela). No meio da multidão, alguns testemunham o seu vínculo a O GAIATO.

Arouca:

«Não conhecia a vossa Obra. Mas, indo por um caminho fora, encontrei um jornal meio desfeito que me chamou a atenção. Dei dois passos atrás, apanhei-o, comeci a ler e alguma coisa me abalou o coração: falava muito da pobreza. É o que mais agrada a Deus...

Amigos, eu sou um jovem de 29 anos. Quero ficar assinante do vosso jornal...»

Montijo:

«Com muita alegria sou assinante d'O GAIATO, um jornal que admiro pela sua simplicidade e com um valor extraordinário para todos quantos o lêem. Transmite-nos a verdade,

a coragem e a Vida com que Pai Américo pregou entre nós o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Venho hoje, com muito gosto, pedir que aceitem um novo nome para a lista de novos assinantes. É uma amiga desde a minha infância...»

Castanheira do Ribatejo:

«Desde Angola, ainda criança e adolescente, ouvia comentários acerca da Obra da Rua; mas só agora — pelas solicitações da vida — me foi possível aperceber e ver um pouco dela, quando de uma visita à Casa do Gaíto do Tojal. O que eu digo, desta experiência, resume-se a isto: senti um clima de «Pai» para «Filhos».

Após tudo isto gostaria de ser assinante d'O GAIATO e

faço intenção de promover uma campanha na paróquia onde resido para angariação de assinantes.

A Obra da Rua é uma interrogação aos homens em geral e aos cristãos em particular, de que algo está errado — e esse algo está em cada um de nós. Tudo isto quer dizer que ainda não soubemos dar o lugar que pertence a Cristo e Sua Mãe no nosso coração...»

Finalmente, uma breve panorâmica da proclamação. Terras há em que partem aos grupos, de mãos dadas. Porto e Lisboa, muita gente! Mais Alcanena, Coimbra, Batalha, S. Paio de Oleiros, Coimbra, Campo e Sobrado (Valongo), Guarda, S. João da Madeira, Águas Santas, Tabuaço, Cárquere (Resende), Braga, Penafiel, Paramos (Espinho), Parede, Guimarães, Linda-a-Velha, Póvoa de Santa Iria, Macedo do Peso, Febres, Funchal, Rebordões (Santo Tir-

so), Figueira da Foz, Lagos, Valcovo, Paço de Arcos, Macedo de Cavaleiros, Mealhada, Carvalhos, Almada, Guifões (Matosinhos), Horta (Açores), Sacavém, Custóias, Sediolos, Odivelas, Peniche, Queluz, Canidelo, Alfândega da Fé, Vila Nova de Famalicão, Ovar, Ermesinde, Barcelos, Rio Tinto, Gafanha da Encarnação, Rana, Vilar de Andorinho, Leça do Bailio, Portimão, Fajões, Santa Iria de Azóia, Alijó, Vinhais, Oliveira de Azeméis, Canidelo, Buarcos, Brejos do Assa, Vila-randelo (Valpaços), Penafóia, Peralta, Valadães, Covilhã, Gondomar, Póvoa de Varzim, Arcozelo (Barcelos), Santa Marinha do Zêzere, Pero Pinheiro e Paredes; Begons, St. Prix, Venissieux e Ganesse (França); Londres (Grã-Bretanha) e Joanesburgo (África do Sul).

O Mundo português!

Júlio Mendes

Atenção

Quando o estimado Leitor nos escrever ou remeter importâncias para a assinatura d'O GAIATO ou da Editorial, não se esqueça de recortar e mandar o seu nome e o número de assinante que vão no respectivo endereço do jornal ou na embalagem do livro — preciosos elementos para localizarmos a sua ficha, ordenada por ordem alfabética. Já agora, acrescentamos: para mudança de domicílio precisamos que nos indique, claramente, a antiga e a nova morada. Obrigada.

REFLECTINDO

□ O Outono chegou a passo certo com o calendário. Aqui é tempo de vindima e da colheita do milho. Colher os frutos amadurecidos pelo sol e pelo trabalho ao longo dos meses.

O Verão passou com toda a sua imagem de calor e alegria. Os nossos rapazes passaram todos pela praia. Tiveram as suas férias e, neste momento, a Comunidade de Paço de Sousa é rearrumada para enfrentar um novo ano escolar. Eles tiveram as suas férias, terão agora condições para estudar. Mas quantos, no nosso País, não tiveram — não têm — uma coisa nem a outra!

A nossa porta tem batido um número enorme de famílias a pedir auxílio, que consideramos desusado! Para além daquelas famílias que se encontravam em difíceis condições económicas quando o pai, doente, só recebia uma percentagem do ordenado, que chega com alguns meses de atraso; para além dos idosos com pensões insuficientes para as suas necessidades; para além de outras situações..., surge agora o problema dos desempregados — pelo encerramento de empresas, falências, etc.

Vêm ter connosco pessoas mostrando receitas médicas, sem poderem comprar os medicamentos e mães trazendo os filhos que mostram nos rostos sinais evidentes de subalimentação.

Estas imagens, que não são agradáveis, sofremo-las no contacto directo com Irmãos nossos — que sofrem. São feridas num País ferido porque os homens que nele vivem se dividem e agredem, indiferentes às feridas vivas que acompanham a sua caminhada!

□ Falámos da reordenação, necessária à nossa Comunidade para enfrentar um novo ano escolar. Como muitos dos nossos leitores sabem, os rapazes participam nos trabalhos da Casa. Por isso, é necessário conciliar as horas de estudo com as de trabalho e de recreio, até chegada a altura em que cada um escolha a sua profissão e comece a respectiva aprendizagem. Escolha que desejamos tanto quanto possível livre e que, nos últimos anos, tem sido fundamentada em testes psicotécnicos para melhor se avaliarem as capacidades reais de cada um.

Na organização das faxinas, para distribuir os trabalhos necessários ao funcionamento da Casa, há alguns cargos importantes. Um deles é aquele ao qual chamamos «o chefe da lenha». Tem como missão chefiar os rapazes que não têm trabalho fixo. Poder-se-ia talvez chamar-lhe «chefe de piquete», porque eles acodem às emergências que vão surgindo: Apanham os milhares de folhas das árvores que já começaram a cair; desentopem os bueiros para as enxurradas não provocarem inundações; varrem as ruas da nossa Aldeia; ajudam no campo ou nas obras, quando os sectores estão a braços com empreitadas e pedem auxílio; é ainda a este grupo que pertence a dobragem d'O GAIATO antes de seguir viagem para casa dos assinantes. Outro cargo é o de «chefe da copas». Tem como missão orientar os grupos que vão fazendo rodagem, lavando a loiça, os tachos e os demais utensílios da cozinha.

Por falar na lavagem da loiça, lembro um episódio passado há alguns anos com um grupo que conviveu connosco, num domingo. Safu alegre e feliz, mas levou uma mágoa:

Não gostou da loiça em que comemos, de alumínio fundido. Depois, veio uma carta e um cheque para comprarmos um serviço de porcelana! Ficámos muito agradecidos, mas tivemos que esclarecer: A nossa loiça é tratada pelos rapazes e um serviço de porcelana talvez durasse uns quinze dias... A única solução seria fazer de um lado uma fábrica que nos fornecesse, sempre, pratos novos e perto da casa-mãe teríamos que reservar um largo espaço para meter os cacós! Continuamos, assim, com os pratos de alumínio fundido, que, frequentemente, caem ao chão — quando transportados em rimas maiores que são atentados ao equilíbrio. Estes tombos provocam um barulho ensurdecedor, próprio de latas a cair ao chão — e marcam o compasso da nossa vida, com frequência pouco silenciosa!

Há ainda os cargos dos responsáveis pelo tratamento dos animais: os porcos, as vacas, as galinhas, os coelhos, etc... Também é preciso escolher quem..., porque, mal escolhidos, sujeitaríamos as pacatas criaturas a largos dias de jejum, debilitando os corpos dos animais — e seria um prejuízo para todos nós.

Depois... temos ainda a limpeza das casas, a colaboração na rouparia e na lavanderia, etc.

Sem pretender fazer um retrato aproximado da nossa orgânica, aí temos algumas imagens do nosso viver para partilhar convosco. Partilhar é próprio dos Amigos e nós temos a certeza que muitos Amigos lêem O GAIATO — e procuram dar-nos as mãos em todo o sentido.

Padre Abel

Lar Operário em Lamego

As notícias têm falhado e há tanto que dizer!

Cada dia é um capítulo novo dum livro que se não escreve mas que se adivinha e se pode ler...

Pelo telefone, por carta ou à porta, vão chegando casos de Irmãos nossos que pedem a mão. Todos merecem a nossa atenção, mas, desta vez, fiquei mais torturado com a história da Sr.ª Maria Augusta — já com certa idade que se identifica nos cabelos brancos e nas rugas do rosto. Talvez por questões de «génio» ou de «feito», deixou ficar a casa onde vivia com o filho, a nora e os netos! Sem destino certo, fez um pequeno embrulho de roupa e entrou na primeira porta aberta dum local de arrumações. O proprietário não se opôs.

De modo algum aquilo podia ser solução definitiva, mas a sr.ª Maria Augusta ali repousava. Durante o dia fazia recados e, à noite, voltava aos

improvisados aposentos. Com tão pouca sorte e sem saber explicar como foi, encontrou no dia 19 de Agosto tudo queimado! E agora? Foi preciso arranjar um colchão, lençóis e um cobertor.

O calor do Verão ajudou a resolver o caso com relativa facilidade. Como vai ser, porém, no Inverno que está à porta? É indispensável mais roupa e um lugar mais aconchegado.

Há pessoas que têm relutância pelos Lares da Terceira Idade e a sr.ª Augusta também. A verdade é que, nesta zona, há um único lugar para receber os nossos Irmãos mais velhos. Deve estar sempre superlotado, pois todas as vezes que falamos, ouvimos um não pronunciado com tanta força que nos faz doer o coração!

Por estas e por outras, a sr.ª Maria Augusta não quer ir. E nós que vamos fazer?...

Padre Duarte

DOCTRINA

● ... Milhares de braços «de quedos», no meio dos nossos campos, à espera que o sol venha secar as terras e germinar o pão; a senhora fome com seu cortejo, a bater à porta de toda a gente e os Pobres não têm outro remédio senão o de abri-la de par em par! Temo-la visto já sentada à mesa deles, manto negro e olhar fixo na porta, sempre à espera de alguém que venha... Ela apaga o lume na lareira, enxuga o azeite nas bilhas, limpa arcas e gavetas, leva colzas ao prego e planta-se no meio da casa a falar-nos pela boca das mães: «De mim, senhor, já não faço caso; mas estes pequeninos meus filhos!...»

● E quando a gente vira costas a estes casos lancinantes e dá de cara com o mundo descarado e irremediável — isso que para aí se vê nas baixas das babilónias e o muito mais que se sabe e se não vê — a gente, digo, deixa cair os olhos nas pedras da rua e esconde as lágrimas no coração, que estas somente as mostro aos Pobres; quem passa não é digno delas.

● Um sacerdote diz bem em toda a parte e pode passar na lama sem cair nela, devagar, com muito jeito, encostadinho à Graça de Deus! Apostolado divino, feito todo de amor, por amor, só ele e mais nenhum excita amor nos corações. Política, dinheiro, força — tudo bagagem inútil na vida dos apóstolos. Nem dinheiro nem bordão — amor! Somente o Amor de Deus atrai, fascina, convence, toca os corações mais calejados, faz das curvas linhas rectas e acende nas almas desejos de perfeição! «Eu vim trazer Fogo à terra.» Este Fogo queima sem consumir e não deixa a gente ter paz.

● Leitor querido, se tens muito de teu, vive como se foras pobre e acode aos Pobres. Poupa por amor de Deus.

● Diziam as gazetas de há tempos, em letra mui mludinha e no fundo de uma coluna, que num pueblo de Espanha morrera de fome e frio, dentro de uma casita, um Pobre de setenta e dois! Los grandes de España sem grandeza nenhuma! São assim, em toda a parte, los grandes!

● Dinheiros acumulados, fortunas inúteis criadas dentro de um Eu, juros em cima de juros — um mundo de injustiças.

D. Américo

Padre Carlos

PARTILHANDO

■ O «Laranja» recebeu uma prenda muito significativa. Uma senhora que leu a notícia da mortandade da bicharada que ele trata, veio trazer-lhe uma quantidade enorme de pintainhos.

— É para te lembrares que nós estamos convosco e sofremos com as vossas tristezas — disse aquela boa Amiga.

O «Laranja», com ar de gratidão, agarrou na caixa de papelão e levou as pequeninas aves para um abrigo quente e seguro onde a raposa e os ratos não vão. Gratidão para quem nos lê e ouve com o coração. É o amor a viver! Tudo o mais morre.

■ A vindima tinha começado numa manhã fresca de sol e de muito orvalho. É o Outono. Os mais pequenos apanhavam os bagos do chão e despejavam baldes cheios de cachos bonitos. Os mais crescidos vindimavam a uva americana, subindo e descendo escadas, contentes. Os do tractor carregavam sacos e cestos para o lagar da nossa adega. Era o primeiro dia. Havia novidade e alegria. As colheitas são o trabalho do fim de muitos trabalhos. Daí que as vindimas e as desfolhadas da nossa terra tenham sempre um ar feliz. São a recompensa do esforço de quem trabalha no campo.

Assistia a tudo isso quando chamam para atender uma senhora que me quer falar, vestida de preto e acompanhada de um rapaz, seu filho, sentado numa bicicleta a pedal. Apresenta-se como nossa vizinha e diz: — Venho pedir aqui

«A MISERICÓRDIA TRIUNFA SOBRE O JUÍZO»

Cont. da 1.ª pag.

humano esforço de evasão para a liberdade autêntica que só o amor realiza.

Quem são estes?... Somo-lo, mais ou menos, todos nós, homens peregrinos neste mundo onde a inércia e a mesquinhez têm o seu império, ao qual nos é tão penoso resistir e impossível vencer só pelas nossas forças.

A Liberdade, a aspiração mais profunda e universal do homem, é tão difícil! Só de Deus se aprende; só de Deus se alcança. É que só Ele é livre porque só Ele é o Amor! O homem será livre na medida em que amar. E nessa medida ele irá entendendo os pensamentos de Deus e participando dos Seus caminhos que são «o triunfo da Misericórdia sobre o Juízo».

trabalho para o meu filho. Ele trabalhava na construção civil e foi mandado embora. Era o sustento da casa. Tem 18 anos. Todo o dinheiro que ganhava me entregava». E, como se isto fosse pouco, aquela mulher continua a desabafar com uma expressão de coragem: — Outra minha filha, com dezasseis anos, tem já uma menina com dois meses. E ainda não casou porque somos todos po-

bres... Para terminar, fala do marido: — Dão-lhe ataques. Já teve trombose e fez algumas operações. Vive à custa de medicamentos. Sobre a pessoa dela — figura humana de palidez e magreza — apenas refere: — Faço um campo de cultivo para não perder o direito à casa que é do senhorio. Trabalho sem poder...!

A pouca distância de nós, continua a azáfama alegre

Padre Moura

Associação dos Antigos Gaiatos de Miranda do Corvo

«Fazer de cada rapaz um Homem» é um dos objectivos primários de Pai Américo. Mas Homem com letra maiúscula; em toda a plenitude da palavra e do conceito.

Se por um só rapaz «salvo», isto é, feito Homem, valeu a pena tudo quanto fez Pai Américo — e quanto se tem feito através das Casas do Gaiato segundo a sua óptica perspicaz e profética! — como devemos dar graças a Deus por tantos, tantos, que, hoje, nos mais diversos pontos do País, e até do Mundo, pela paternidade fecunda e espiritual dum Homem de Deus, são motivo de esperança num futuro e numa sociedade melhores!

«Ditosa Pátria que tais filhos teve!» — disse Pai Américo a propósito dos seus Rapazes e nós di-lo-emos a propósito de Pai Américo, se o Mundo souber aproveitar o que ele deixou com a sua passagem nesta vida.

Praticamente, todos os portugueses conhecem, se não a totalidade pelo menos parte da herança que Pai Américo nos deixou: O Calvário para os doentes incuráveis e abandonados; o Património dos Pobres, «uma casa para os sem abrigo» e de que derivou a Autoconstrução; O GAIATO e a Editorial, alimento espiritual de milhares de leitores; as Casas do Gaiato, «uma família para os sem-família», «santuários de almas» — como chamou Pai Américo às nossas Comunida-

Antigos Gaiatos de Paço de Sousa

Caro colega: Uma vez mais a comissão promotora da Associação dos Antigos Gaiatos de Paço de Sousa pede a tua participação — ela é indispensável! — na próxima reunião, dia 27 de Outubro, pelas 14h, no Lar do Gaiato, Rua D. João IV n.º 682, Porto, para a apresentação dos nossos estatutos que estão a ser elaborados.

Comparece. Participa. Que Deus ilumine a tua consciência e a desperte para algo de grande valor.

Lourenço Martins

dos nossos vindimadores. No parque da vacaria saltam os os tourinhos à mistura com os porcos, quando passamos a fim de recolher os dados da vida desta pobre mulher. Um cenário com tanta harmonia que ela é capaz de sorrir e dizer: — Gosto tanto de animais!...

Eis os contrastes da nossa vida! Momentos de eternidade — a alegria e a dor — que, pelos Outros, nos tocam.

Pergunto ao Manuel Pinto, conhecedor deste caso, o que nos diria. — É digno de ajuda — acentua. Está tudo dito!

des — pois, como grande pedagogo, sabia que não era tudo «fazer de cada rapaz um Homem»...

Também Paulo VI, quando veio a Fátima, gritou aos portugueses: «Homens, sede Homens!», o que tem de ser posto em perfeita correspondência com a vocação de Jesus que nos incita a sermos perfeitos como o Pai Celeste, isto é, santos. Era aqui que Pai Américo pretendia chegar com os «santuários de almas», ao procurar com eles e neles «fazer de cada rapaz um Homem»... ou não fosse o seu pensamento pedagógico, a sua doutrina social e a sua vida apostólica imbuídos e impregnados do Evangelho.

Exactamente para que nós, seus filhos, não percamos esta herança e ponhamos «em prática, na vida, os princípios cristãos que Pai Américo nos deixou», um grupo de antigos Gaiatos estivemos, nos passados dias 22 e 23 de Setembro, reunidos em Miranda do Corvo, para, em conjunto, reflectirmos e lançarmos as bases da Associação dos Antigos Gaiatos de Miranda do Corvo, à semelhança do que já acontece, com sucesso, em Setúbal — já referido em anteriores edições do «Famoso». Reflectimos, também, sobre as comemorações do 1.º Centenário do nascimento de Pai Américo, a celebrar em 1987. Que e como vamos fazer, para conseguirmos umas comemorações simples e condignas? Já há algumas ideias-sugestões, mas bom seria que surgissem mais...

Tu, antigo Galato desta Casa do Galato de Miranda do Corvo

(ou de qualquer outra), que pensas de tudo isto?...

Entra em contacto connosco, — para a Casa do Galato, 3220 Miranda do Corvo — pois já existe uma comissão de «arranque», que começou a elaborar um ficheiro em que, para além dos nomes, deve constar a morada de cada qual, para futuros contactos. Desejamos saber o teu paradeiro e o de todos que por esta Comunidade passaram, para a todos congregarmos. Presta atenção ao nosso recado e passa a palavra a outros que, porventura, encontres nos caminhos da tua vida.

Carlos Manuel Trindade

UMA CARTA

«Apenas isto: Perdoem este meu atraso...»

Admirador da Obra da Rua desde o tempo do Padre Américo e leitor assíduo do GAIATO — nosso evangelho — porque é que me descuidei tanto no pagamento da assinatura do jornal?...

Foi preciso o «Pastelão», n.º GAIATO n.º 1051, abrir-me os olhos com a frase «prometer não custa...» — o que custa é cumprir.

Mas será possível que haja homens como eu que se dizem cumpridores e esqueçam uma realidade — a vossa Obra?!

Assinante 12371»



Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato-PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato-Paço de Sousa-4560 Penafiel

Depósito legal n.º 1239

Tiragem média por edição no mês de Setembro: 53.626 exemplares.